

Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Culturas e História dos Povos Indígenas

Denise Pereira
Janaina de Paula do Espírito Santo
(Organizadoras)



Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Culturas e história dos povos indígenas

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Denise Pereira
Janaína de Paula do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C968 Culturas e história dos povos indígenas [recurso eletrônico]
/ Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do
Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-366-8

DOI 10.22533/at.ed.668201609

1. Etnologia. 2. Povos indígenas – História. I. Pereira,
Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 980.41

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Há, na construção tradição narrativa da realidade brasileira, ou do “Mito fundador” como chamou a Marilena Chauí, um lugar constante para as culturas e povos indígenas. Um lugar passivo, esquecido, padrão como toda tradição inventada: em que o real não ocupa tanto espaço quanto o que se espera ser: um indígena que não ocupa os dias atuais, mas pertencem a dias esquecidos como influência.

Não é assim, por mais força que essa imagem tenha no senso comum, que os povos indígenas ocupam seus espaços e lutam por direitos, reconhecimento e conhecimento nos dias atuais. De fato, a própria ideia de “indígena» pode acabar por mascarar a realidade dos grupos e povos e identidades diversas que nos cabem no Brasil. Em todos os continentes, os povos indígenas permanecem enfrentando massiva discriminação, com impactos agravados quando se encontram em situação de minorias, étnicas e lingüísticas. Por isso é extremamente importante a reflexão proposta sobre esse tema. Na tentativa de avançar na desconstrução desse espaço imaginário do indígena mítico, que tem que ser substituído pelo reconhecimento de suas culturas ricas e diversas e de sua luta incessante. Essa cultura vasta e diversificada.

Disponos no Brasil de uma miríade de culturas e saberes, realidades materiais e imateriais. Tomar como objeto, significa, como bem lembra Manuela Carneiro da Cunha (1998) – a cultura global não existe como um imperativo absolutos, enquanto reconhecermos que o local não perde seu poder. Muito pelo contrário, continuam presentes e ativos, com seu espaço e presença enquanto objeto de investigação e de construção da realidade social brasileira.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira
Janaína de Paula do E. Santo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A CRIANÇA GUARANI E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL INDÍGENA NA ALDEIA KRUKUTU

Edna Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.6682016091

CAPÍTULO 2..... 13

DISCUSSÃO E CONSTRUÇÃO DE CURRÍCULO NAS ESCOLAS INDÍGENAS DOS POVOS DA REGIÃO DO TAPAJÓS-ARAPIUNS – AMAZÔNIA – BRASIL

Claudio Emidio-Silva

Rita de Cassia Almeida-Silva

Maria Lucia Martins Pedrosa Marra

DOI 10.22533/at.ed.6682016092

CAPÍTULO 3..... 23

DESAFIO DOCENTE E AS PRÁTICAS INCLUSIVAS: O ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO (AEE) NA ESCOLA INDÍGENA DE RORAIMA

Catarina Janira Padilha

Leila Soares de Souza Perussolo

DOI 10.22533/at.ed.6682016093

CAPÍTULO 4 37

A FUNÇÃO AFIRMATIVA DA BIBLIOTECA ESCOLAR COM A MANUTENÇÃO DA CULTURA INDÍGENA

Carla Patrícia Martins Albuquerque

Paulo Roberto de Souza Freitas

DOI 10.22533/at.ed.6682016094

CAPÍTULO 5..... 51

ANÁLISE DO ENSINO PRATICADO EM UMA ESCOLA INDÍGENA: O CASO DA ALDEIA TUXA EM IBOTIRAMA, BAHIA

Adriana Maria dos Santos

Fábio de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.6682016095

CAPÍTULO 6..... 63

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL NO ALTO RIO NEGRO: ACESSO À EDUCAÇÃO NO CAMPUS IFAM – SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA/AM

Luclécia Cristina Moraes da Silva

Roberta Enir Faria Neves de Lima

Jefferson Aristiano Vargas

Maria Isabel Oliveira Silva

Joscival Vasconcelos Reis

Edilson Martins Melgueiro

DOI 10.22533/at.ed.6682016096

CAPÍTULO 7	77
CANÇÕES DO GRUPO RAÍZES CABOCLAS: A PRESENÇA DO LÉXICO INDÍGENA APLICADA À PEDAGOGIA DO ENSINO BÁSICO	
Karen Francis Maia	
Renato Antônio Brandão Medeiros Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6682016097	
CAPÍTULO 8	88
DESCOLONIZANDO SABERES: UM DESPERTAR COM A TERRA NO ESTUDO DE OUTRAS EPISTEMOLOGIAS	
Aida Brandão Leal	
Rafaela Werneck Arenari	
Janaína Mariano César	
DOI 10.22533/at.ed.6682016098	
CAPÍTULO 9	97
TRABALHO CÊNICO E TEÓRICO: “IKUÃNI” O CORPO DA ANCESTRALIDADE	
Regina Cláudia Moraes de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.6682016099	
CAPÍTULO 10	107
AUDIOVISUAL E CULTURA INDÍGENA NOS CURTAS METRAGENS DE ADEMILSON “KIKI” CONCIANZA	
Nicolly Cardoso Tiradentes de Souza	
Carolina Fernandes da Silva Mandaji	
DOI 10.22533/at.ed.66820160910	
CAPÍTULO 11	119
ORALIDADES, MEMÓRIAS E NARRATIVAS MĚBĚNGÔKRE: HISTÓRIAS DE UM POVO “SEM ESCRITA”	
Dilma Costa Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66820160911	
CAPÍTULO 12	132
MEMÓRIAS DE FAMÍLIA: RECONSTRUINDO A HISTÓRIA DE JOÃO TOMÁS, REVELA-SE UM PEDAÇO DA HISTÓRIA PANKARARU E DOS ÍNDIOS NO NORDESTE	
Alberto Reani	
Josélia Ramos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.66820160912	
CAPÍTULO 13	146
O MOCORORÓ E SUA IMPORTÂNCIA PARA OS POVOS INDÍGENAS DO LITORAL CEARENSE - RESISTÊNCIA E ESPIRITUALIDADE NOS MODOS DE FAZER E CONSUMIR	
Carolinne Melo dos Santos	
Anna Erika Ferreira Lima	
Ana Cristina da Silva Moraes	

Mateus de Castro Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.66820160913

CAPÍTULO 14..... 160

INDICADORES NATURALES SOBRE LAS VARIACIONES CLIMÁTICAS QUE UTILIZAN LOS PUEBLOS INDÍGENAS DE LA AMAZONÍA PERUANA: CASO DE CUATRO COMUNIDADES NATIVAS DE UCAYALI Y MADRE DE DIOS.

Yolanda Ramírez Villacorta

Oliverio Llanos Pajares

DOI 10.22533/at.ed.66820160914

CAPÍTULO 15..... 175

MANEJO FORESTAL DE BOSQUES COMUNALES: ESTRATEGIA PARA LA MITIGACIÓN Y ADAPTACIÓN AL CAMBIO CLIMÁTICO EN COMUNIDADES NATIVAS AMAZÓNICAS DEL PERÚ

Yolanda Ramírez Villacorta

DOI 10.22533/at.ed.66820160915

CAPÍTULO 16..... 187

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Cornelia Giebeler

DOI 10.22533/at.ed.66820160916

CAPÍTULO 17..... 202

DA LÍNGUA AMEAÇADA ÀS POLÍTICAS DE FORTALECIMENTO: ASPECTOS DA SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ASURINI DO XINGU

Rodrigo Mesquita

Adriane Melo de Castro Menezes

DOI 10.22533/at.ed.66820160917

CAPÍTULO 18..... 218

AS FORMAS DE PARTICIPAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS E OS IMPASSES INTERÉTNICOS NA EFETIVAÇÃO DO CONSELHO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA OS POVOS INDÍGENAS DO TOCANTINS

Adriana Tigre Lacerda Nilo

DOI 10.22533/at.ed.66820160918

CAPÍTULO 19..... 229

WARMIPANGUI: CUERPO EN DISPUTA, CONTROL Y DOMINACIÓN

Enoc Moisés Merino Santi

DOI 10.22533/at.ed.66820160919

CAPÍTULO 20..... 238

TERRITORIO ZAPATISTA Y POLÍTICA CIUDADANA

Gloria Patricia Ledesma Ríos

Nancy Zarate Castillo

DOI 10.22533/at.ed.66820160920

CAPÍTULO 21.....248

A EXPERIÊNCIA DOS ‘ESCRAVOS DE CONDIÇÃO’ NO PROCESSO DE LEGALIZAÇÃO DO ESCRAVISMO INDÍGENA DO SÉCULO XVII

Antonio Martins Ramos

DOI 10.22533/at.ed.66820160921

CAPÍTULO 22.....258

INVESTIGAÇÃO DO USO DE ÁLCOOL EM INDÍGENAS KARIPUNA

Fernanda Matos Fernandes Castelo Branco

Divane de Vargas

DOI 10.22533/at.ed.66820160922

CAPÍTULO 23.....271

PARA ADIAR O FIM DO MUNDO: RESISTÊNCIAS NO PENSAMENTO-AÇÃO DE AILTON KRENAK

Fernanda Elias Zaccarelli Salgueiro

DOI 10.22533/at.ed.66820160923

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....283

ÍNDICE REMISSIVO.....284

CAPÍTULO 16

PROCESOS DE DESCOLONIZACIÓN A PARTIR DE LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA PARA LAS TRANSFORMACIONES GLOBALES. UNA PERSPECTIVA FEMINISTA

Data de aceite: 01/09/2020

Cornelia Giebeler

Catedrática en Teoría y metodología de Ciencias Sociales y Educativas, Universidad de Ciencias Aplicadas de Bielefeld, Alemania y en el Centro de Investigación InterAmericano (CIAS) de la Universidad de Bielefeld, Alemania. <https://www.fh-bielefeld.de/personenverzeichnis/cornelia-giebeler>

RESUMEN: La tesis del texto que desarrollo, es desde una perspectiva decolonial y una consideración crítica de la comprensión occidental de la ciencia que surgió desde los movimientos sociales. Las connotaciones de su terminología vienen desde la década de los setenta, tanto en Abya Yala, como en el centro-periferia de Europa/Alemania. Así, la contribución refleja críticas desde la perspectiva de América Latina como la teoría de la dependencia, discutida en Alemania en los años setenta (Furtado, Cardoso, Quijano) y del Sur Global sobre la epistemología hegemónica (Quijano, Hall, Smith, de Souza Santos) y está retomando algunos ejemplos filosóficos europeos (Kuhn, Humboldt, Buber, Erdheim). Estas contribuciones toman en cuenta los movimientos descolonizadores. Especialmente partes del movimiento feminista y sus reflexiones hacia la ciencia tienen una larga historia crítica sobre la epistemología patriarcal (Lorde, Mohanty, Haraway, Smith, v. Werlthof). Para ver los puntos decoloniales en la metodología y en los métodos se retoma por

ejemplo el método biográfico como parte de una decolonización metodológica. En consecuencia, el diálogo, el autonombramiento y la cooperación/colaboración se desarrolla como propuesta de una metodología de la “extrañeza reflejada”.

PALABRAS CLAVES: epistemología feminista decolonial, metodología de la extrañeza: análisis biográfico/testimonial – colaborativa – horizontal

PROCESSES OF DECOLONIZATION FROM THE “EXPERIENCE OF STRANGENESS” AS A COUNTER-HEGEMONIC EPISTEMOLOGY FOR GLOBAL TRANSFORMATIONS. A FEMINIST PERSPECTIVE

ABSTRACT: The thesis of the text that I develop, argues with decolonial perspectives and critical considerations of Western understanding of science that emerged from social movements. The connotations of its terminology come from the seventies, in both, Abya Yala and the global south generally and in the centre-periphery of Europe/Germany. Thus, the contribution reflects critics from the perspective of Latin America like dependence theory, discussed in Germany in the seventies (Furtado, Cardoso, Quijano) and of the Global South about hegemonic epistemology (Quijano, Hall, Smith, de Souza Santos) and is taking up some European philosophical examples (Kuhn, Humboldt, Buber, Erdheim). These contributions take into account the preparations of decolonising movements in science. Especially parts of the feminist movement and reflections has a long critical history on patriarchal epistemology (Lorde, Mohanty, Haraway, Smith, v. Werlthof). In order to see the decolonial points

in the methodology and methods, the biographical method is taken up again, for example, as part of a methodological decolonisation. Consequently, dialogue, self-empowerment and cooperation/collaboration are developing as part of a “reflected strangeness” methodology.

KEYWORDS: decolonial feminist epistemology, methodology of “Strangeness Experience”, biographic/testimonial – collaborative - horizontal

11 ¿QUÉ ASPECTOS APARECEN COMO PARTE DE UNA EPISTEMOLOGÍA CONTRAHEGEMÓNICA?

a. Críticas de la epistemología hegemónica-universal

La ciencia como modelo de adquisición de conocimientos basa su confianza en los conocimientos que cada vez adquieren más erudición. En cierta medida es uno de los convencimientos profundos de la ciencia occidental en general. En la investigación empírica, las preguntas detalladas se plantean, se tratan y se consideran un progreso científico. Pero en la historia de la ciencia y las investigaciones desde las perspectivas del oeste (Hall, 1992) también se encuentran críticas profundas, reformulando así la base de lo que sería “la ciencia”. La simple visión de un progreso en el futuro de la adquisición del conocimiento europeo se puso en duda, principalmente con la obra de Thomas Kuhn (1976), quien escribió sobre los cambios paradigmáticos dentro de la historia del desarrollo de la ciencia occidental. Afirmó las transformaciones y las revoluciones paradigmáticas de una convicción fundamental a la otra y, por lo tanto, justificó una crítica primordial, de una comprensión occidental de la ciencia como universal, desarrollada, moderna y orientada hacia el progreso.

Para mí esta tesis de las revoluciones paradigmáticas en el universo de lo que llamamos la producción de conocimientos, se explica perfectamente como una revolución de los paradigmas que ahora vienen desde las perspectivas de los “Conocimientos del Sur” (de Sousa Santos, 2010), que reconocen “lo subalterno” (Spivak, 1988) y diagnostican nuestras sociedades como poscoloniales, que dependen de una larga historia de colonización y producen dependencias profundas con las estructuras mundiales, descritas por Wallerstein (1974).

Esta ciencia occidental tiene sus orígenes en la historia desde los antiguos griegos y toma un nuevo impulso hace 500 años, cuando se abrieron las primeras universidades, durante el inicio de la colonización de América Latina, el tiempo de la inquisición y la persecución de la brujería en el Norte de Europa, (Bovenschen, 1995). Desde ahí es que algunos científicos se inclinaron por esa orientación que hoy se llama occidental – como una jerarquía con lo oriental - o el “oeste” se mencionan la modernidad, el progreso y el desarrollo. En relación con los saberes cognitivos, científicos, emocionales y corporales esta ciencia se concentra desde lo cognitivo, a lo técnico y a la dominación-sometimiento de la madre tierra.

Lo que se llama “científico” en consecuencia está percibido por su larga historia europea y surgió en el siglo XV, junto con la persecución de las brujas, la conquista y la implementación de los métodos empíricos desde las pruebas de la inquisición. Con los siglos fue difundido por las universidades como producción de conocimientos universalistas, dejando atrás otros saberes. Desde ahí empezó el famoso desarrollo del hombre en base a esta ciencia, distinguiéndose de la naturaleza del cuerpo – sobre todo del cuerpo de la mujer – y de las emociones, la intuición y la espiritualidad, (Federici, 2014). Este sistema científico se universalizó y se volvió transatlántico y es parte también de los sistemas universitarios en todos países latinoamericanos. Y al revés con la globalización las teorías y metodologías críticas y autóctonas latinoamericanas empezaron a cruzar el atlántico, influyendo el debate universitario europeo.

b. Flujos de ideas transatlánticas: Quijano, Furtado, Cardoso

Las situaciones del Sur fueron descritas por los científicos latinoamericanos y cruzaron las fronteras hacia Europa y también Alemania. Significativa es la llamada teoría de la dependencia. Por ejemplo, Aníbal Quijano la analizó como procesos de marginación en los años setenta y ochenta, y fue discutida en ciertos círculos universitarios alemanes. La contribución de Quijano apareció en la conocida serie colorida de la editorial Suhrkamp en Alemania, es decir que una editorial reconocía esta contribución latinoamericana. Su tesis de la dependencia estructural como *„forma entrelazada entre estructuras socioeconómicas en diferentes niveles de desarrollo en un solo sistema“*, (Quijano, 1974:305) en la perspectiva de Furtado y Cardoso era el *“mercado internacional, el control sobre el proceso tecnológico y el poder financiero de las principales corporaciones internacionales”* (Furtado, 1974; Cardoso, 1974:165).

Apareció un camino para la búsqueda de conocimientos dentro de la complejidad de lo que se llamaba desarrollo, subdesarrollo, marginalización y dependencia. Con esta mirada - ya se habría fundado en esta temporada algo como una nueva perspectiva.

En conjunto surgió otro debate y propuesta desde América Latina – la de renombrar los lugares – y tomar en serio que el derecho de nombrar era un acto de poder. Llamar a todo un continente “América” y hacer diferencias entre América del Norte – con características occidentales - y América del Sur – con características “subdesarrolladas” y entrelazadas en dependencias estructurales -seguía siendo desde la mirada de los conquistadores. Renombrarlo desde otra perspectiva que partía desde el reconocimiento de un continente que tenía habitantes antes de la “conquista”, y fue al revés, pues pareció como una acción de reconquistar las tierras perdidas. “La elección del nombre, “Abya Yala” que originalmente fue una expresión con la que los kuna de Panamá y Colombia llamaron al continente americano. Significa ‘tierra en plena madurez’ - surgió por el intelectual y líder aymara boliviano Takir Mamani, a partir de 1977, quien propuso que todos los indígenas del continente lo utilizaran en sus documentos y declaraciones orales como un posicionamiento

político. ‘Llamar con un nombre extranjero a nuestras ciudades, pueblos y continentes’, argumenta, ‘equivale a someter nuestra identidad a la voluntad de nuestros invasores y a la de sus herederos, (Kummels 2008). Las organizaciones indígenas empezaron con una alternativa no occidental, para renombrar a las Américas. Y son los indígenas de las tierras de Abya Yala los nuevos sujetos revolucionarios, para descolonizar los efectos de la larga historia colonial y sus estructuras de dependencia. Investigando el origen del cuento, siempre se encuentran citas y más citas – del origen, pero no quedó muy claro – sin embargo, el hecho es importante por ser un pensamiento paradigmático nuevo.

Un problema del pensamiento de la dependencia-periferia era que el sujeto cotidiano no jugaba un papel importante y no eran tomados en cuenta. La atención se centró en el tema del sujeto revolucionario y las contradicciones entre el proletariado deseado y el hecho de que a muchos científicos del Norte les diera miedo que los pueblos oprimidos fueran los que empezaran a hablar y a luchar. Por ejemplo: los movimientos revolucionarios maoístas como el Sendero Luminoso – luchaban en nombre de los habitantes oprimidos de la sierra peruana. Todavía se forman partidos diferentes que dejan atrás a los indígenas y sus mundos de vida – hasta que en los setentas y ochentas los pueblos originarios se organizaron cada vez más en contra del pensamiento occidental y en contra del pensamiento nacional-colonial, que valoraba los “usos y costumbres” como mirada bonita de una herencia civilizatoria precolonial - dejando oprimidos al mismo tiempo a los llamados “pueblos indígenas” y la miseria de sus vidas.

c. Retomando críticas desde perspectivas feministas: de Werlhof, Lorde y hooks

Dentro de la miseria a la que eran sometidos los indígenas y su exotización en la década de los setentas, aparece la crítica al patriarcado – como un sistema con una herencia milenaria en varias culturas del mundo - surgió dentro del movimiento feminista y produjo un eje de pensamientos hacia el sistema mundo, el desarrollismo y una crítica fundamental del “progreso”. La mujer indígena casi no apareció – los indígenas se llamaban “campesinos” y la indígena como mujer no existía – a partir de muy pocas contribuciones. Críticas feministas a nivel mundial se concentraron en el sistema mundial patriarcal y en el progreso.

“Western modernity can be characterized as a civilization that tries by all means to materialize the utopia of a supposedly “better” and “higher” life. Today, with the “globalization” of neo-liberalism as the most advanced form of capitalist/modern world patriarchy, war, economy, and technology, it is evident that this project has failed. Instead of a supposed heaven, we are facing hell on earth, already experienced by masses of people in the global South” (von Werlhof 2012:2).

Es decir, el criticado sistema mundo de Wallerstein (1974) y los nuevos pasos para explicar la dependencia estructural con sus formas de marginalización aparece

con otra mirada, cuando se retoma el mundo no solo desde una perspectiva masculina-heterosexual. Desde la perspectiva de un feminismo, que no es idéntico a las luchas de las mujeres o a las políticas de igualdad, la visión de vincular el sistema mundial capitalista con su poder y sus estructuras de dependencia revelan una visión diferente. La explotación de mujeres, negros, subalternos, migrantes, LGTBQ depende de las constituciones sociales nacionales, regionales y locales, también contra ancianos, discapacitados, niños y jóvenes está diferenciada por una complejidad de intersecciones entre los “mundos de vidas” (Habermas, Husserl). Sí, hay un “Sur, un Norte – un Oeste/Occidental y un Este de transformaciones socialistas hacia las capitalistas. Hablando desde “abajo” – lo que surgió con los movimientos feministas – implicó repensar todo desde la subjetividad de la persona. Eso significa enmarcarse como un sujeto con historia personal y grupal, con sus posicionamientos dentro de la sociedad, reconociendo las experiencias distintas por raza, clase, cuerpo y género. Hablar e investigar siempre depende de las perspectivas de uno hacia el mundo con una gran exclusión de la óptica de los demás. Así las que publicaron, las que tomaron la voz eran principalmente mujeres blancas, de clase media, socializando en universidades. Con razón los movimientos de mujeres indígenas como en Chiapas, movimientos de afroamericanas en Canadá y EE. UU., de las Chicanas en California - entre muchas – crearon sus movimientos sociales criticando a las feministas blancas como parte de su explotación. Con la idea de la “intersección” empezaron a reconocerse los entrelazamientos de las diferentes experiencias por ser mujeres, por pertenecer a un grupo de atención múltiple, por ser de piel oscura o clara, por ser lesbiana o blanca pobre y eran multifactoriales y difíciles de entender a través de la mirada de los demás. Audre Lorde pregunta a las feministas blancas:

“Las mujeres pobres y las mujeres de color sabemos que hay una diferencia cotidiana entre las manifestaciones de esclavitud conyugal y la prostitución, porque son nuestras hijas quienes se alinean en la calle 42. Si la teoría feminista americana blanca, no tiene que lidiar con las diferencias entre nosotras y la diferencia resultante en nuestras opresiones, entonces, ¿Cómo se lidia con el hecho de las mujeres que limpian sus casas y cuidan a sus hijos mientras ustedes asisten a conferencias sobre teoría feminista, y en su mayoría son mujeres pobres y mujeres de color? ¿Cuál es la teoría detrás del feminismo racista? (Lorde, 2007:2) (Trad. del inglés por la autora).

Ella señala las diferencias entre las mujeres negras y blancas, para evitar la tolerancia de un enfoque feminista de luchar juntas contra el patriarcado y el capitalismo. Su perspectiva es la de pertenecer a una historia larga de esclavitud y colonialismo, paralelamente forma parte de la herencia intergeneracional de la esclavitud. Surge la pregunta: ¿Qué entendemos por una perspectiva feminista? Desde la mirada de Audre Lorde - entre otras - hay varios feminismos - unos como parte de la opresión, otros como parte de ser oprimidas. Eso sí es una de las luchas importantes en contra de cualquier política de representación del otro. Representar al otro por hablar, por investigar, por construir saberes

y conocimientos – a partir de mi punto de vista - era y es parte de un sistema mundial, estructurado por dependencias estructurales capitalistas y por estructuras patriarcales – las dos se cruzan en favor de marginalizar, de excluir, de oprimir, de explotar. Por eso estoy de acuerdo con Donna Haraway, que explica hace mucho tiempo: “El conocimiento desde el punto de vista de que lo no marcado es verdaderamente fantástico, distorsionado y, por lo tanto, irracional”, (Haraway, 1995:87) (Trad. de la autora).

Los aprendizajes que tomo de los análisis de Donna Haraway son: que sí es necesario enmarcarse antes de hablar – reformularse una misma desde la dependencia de la piel, del género, de las posibilidades y las imposibilidades de la socialización, la posición marcada en la sociedad. Estamos posicionados porque estamos marcados – y es parte de la liberación de enmarcarse a sí mismos y retomarlos en un sentido positivo. Siguiendo a Mohanty (1984) con una perspectiva más amplia, digo: necesitamos buscar estrategias feministas, basadas en la autonomía de las mujeres – a mi punto de vista, por la autonomía de cualquier sujeto en búsqueda de las salidas del sistema mundial hegemónico – tomar en cuenta sus geografías (sociales-culturales) las historias implícitas y las propias experiencias. Confirmando el aspecto de bell hooks:

“Si no trabajamos para crear un movimiento basado en las masas que ofrezca educación feminista a todos, mujeres y hombres, las teorías y las prácticas feministas siempre se verán socavadas por la información negativa producida en la mayoría de los medios de comunicación. Los ciudadanos de esta nación no pueden conocer las contribuciones positivas que el movimiento feminista ha hecho a todas nuestras vidas, si no destacamos estos logros. Las contribuciones feministas constructivas al bienestar de nuestras comunidades y la sociedad a menudo son apropiadas por la cultura dominante que luego proyecta representaciones negativas del feminismo. La mayoría de las personas no comprenden las innumerables formas en que el feminismo ha cambiado positivamente nuestras vidas. Compartir el pensamiento y la práctica feminista sostiene el movimiento feminista. El conocimiento feminista es para todos”, (hooks, 2007:24).

Regresando a Audre Lorde quisiera retomar su propuesta de salir del “Masters House” – significado para el “Master” colonial – por cambiar también “Masters Tools”. En este contexto los “tools” son métodos de construcción de conocimientos y saberes. Seguir usando los mismos métodos de la ciencia me parece contradictorio en las búsquedas de ver el mundo desde otra perspectiva. Y al revés tampoco surgen métodos fuera de lo conocido – los teóricos decoloniales y críticos de la ciencia occidental, todos son hijos e hijas de esta.

A partir de aquí quiero abrir el debate fuera de las teorías decoloniales y empezar a discutir los métodos como una de las partes prácticas dentro de un proceso de tratar de descolonizar el mundo y cambiar el sistema de producir conocimientos y saberes. ¿Cuáles son por fin los métodos a partir de las nuevas “epistemologías del Sur” o del diagnóstico de una “colonialidad” que estructuran nuestras vidas contemporáneas? (Quijano, 2010).

2 I RETOMANDO MÉTODOS Y ASPECTOS DE CONTRIBUCIONES HACIA UNA METODOLOGÍA DECOLONIAL

a. El enfoque testimonial /biográfico

Para algunos estudiosos, el término biografía se convirtió en una palabra clave en la búsqueda de un camino metodológico, para comprender los cambios de las sociedades contemporáneas. En las biografías intentamos descubrir los procesos de autoconstrucción de los individuos en determinadas circunstancias y, al mismo tiempo, intentamos analizar el punto de vista de estas biografías, las interconexiones de las experiencias biográficas con las estructuras sociales. Los estudios biográficos reflexionan sobre los seres individuales y la reconstrucción de sus vidas. Pero – en la mayoría de los análisis biográficos solo el o la investigador/a empieza a interpretar la biografía, busca estructuras “latentes” – escudriña los sentidos e interpreta la biografía a su modo. Basada en diferentes tipos de “materiales” – como se llaman las biografías tomadas por científicos, los diarios, cartas y otros documentos personales de los objetos de estudio – investigaciones biográficas tardaron décadas hasta que fueran aceptadas en el “Master`s House: la universidad y sus reglas metodológicas empíricas.

En todo el mundo, en las universidades y centros de investigación, los métodos llamados “débiles” son los enemigos de la metodología basada en la evidencia y los que creen en la investigación cuantitativa. El punto de varios protagonistas era la aceptación de métodos cualitativos o reconstructivos dentro del “Masters House”. Por lo tanto, puede ser que estos académicos hayan desarrollado una forma analítica aparentemente difícil para analizar las biografías, con reglas de interpretación y entendimientos para poder ser aceptados en la comunidad científica. Pero una de las principales posibilidades dentro de mi argumentación es que se perdió la importancia de ponerse en contacto con otros “otros, extraños”, viviendo en mundos de vidas desconocidos. En el trabajo biográfico o como yo propongo llamarlo: en el trabajo testimonial conjunto con los prójimos, deberían comunicarse entre sí de manera horizontal. Desde mi experiencia, se usa un espacio de confianza – ya sea por pocas horas – pero puede ser un gran regalo para ambos: uno por la oportunidad de hablar anónimamente, el/la otro/a - el/la investigador/a por tener la posibilidad de ponerse en contacto y comprender otra vida, otro mundo de vida, otra interrelación subjetiva con los desarrollos históricos. Necesita prepararse bien, preparar el espacio, el ambiente, su contraparte de la narración, para no dejar dudas de lo que quiere uno del otro. Si es usado así con mucha precaución, preparación, el diálogo podría abrir un espacio de encuentro de manera horizontal con un intercambio del dar y recibir. La entrevista biográfica tiene un punto muy interesante: puede ser un método para que el llamado investigador e individuo investigado interactúen de manera recíproca para dialogar: el investigador ofrece un espacio para reconstruir el testimonio/la biografía conjunta. Un testimonio trata de reformular experiencias personales de lo que uno ha vivido. Hablar

de estas experiencias necesita oídos abiertos, para poder entender el testimonio y evitar interpretaciones no verificadas por los sujetos del testimonio. Al contrario, el análisis biográfico la interpretación no se hace en un lugar secreto de los sujetos investigados, sino en conjunto con los sujetos, que dan sus testimonios para que salgan a la luz. Eso significa que, por ejemplo, un grupo investigativo de hombres interpreta las biografías de mujeres indígenas, sino conjuntamente tratan de entenderse uno a la otra y al revés.

b. El enfoque de estudios de campo

En estudios de campo, los investigadores profesionales tendrían que ser capaces de entender y analizar los casos con los que tienen que lidiar. Para realizar estudios de casos, la antropología o ciencia social en general define ciertos métodos. Las metodologías principales para la separación del trabajo de casos son los estudios de campo para ciertos temas y ciertas pertenencias institucionales de los sujetos, etcétera. El trabajo, el análisis del discurso o la hermenéutica objetiva pueden introducir partes importantes de la investigación social. Al realizar estudios de casos reconstructivos, la apariencia personal y la relación entre el investigador y el investigado juegan un papel importante. Lo que surgió se llama comunicación intercultural. Un eje de la comunicación intercultural es la salida de la idea de producir “verdades”.

Por lo tanto, mi objetivo es lidiar con ciertas incertidumbres en las investigaciones, con procesos de reflexión desde diferentes perspectivas – análisis multiperspectivos incluyendo los “casos” como testimonios. En este sentido, unas instrucciones de los métodos de investigación reconstructiva podrían ser útiles para entender las vidas que pertenecen a ciertos grupos, sin tratar de hacer que “pertenezcan” desde un punto de vista externo. La propuesta de la incertidumbre es una provocación para la ciencia tradicional occidental positivista empírica. El objetivo de esta es, obtener la certeza sobre los objetos de investigación y descubrir la “verdad”, que desde una mirada decolonial y feminista solo puede ser una verdad relativa – importante por su descubrimiento de tabús, de opresiones, de oprimidos/as, de marginalizados/as. Por lo tanto, los enfoques de la incertidumbre niegan la existencia de una sola verdad y provocan la incertidumbre como fondo de los diálogos entre las metodologías de búsquedas de realidades sociales y oprimidas.

3 | LA “EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA” COMO PARTE DEL CRECIMIENTO DEL SER HUMANO

a. Retomando el concepto del Tú y Yo de Wilhelm von Humboldt

Llegando a una pregunta muy práctica, podríamos encaminarnos fácilmente a los nuevos conceptos y pensamientos alrededor de las investigaciones horizontales como la metodología contra-hegemonial, (Smith, 2016; Pérez-Daniel/Sartorello, 2012; Cornejo/Giebeler, 2019) pero en esta contribución quisiera retomar los pensamientos hacia las

competencias de ver el mundo desde una manera horizontal, dialógica, sin miedo. Por eso regreso hacia los pensamientos europeos, reflejados en las relaciones subjetivas hacia y dentro del mundo, se trata también del acercamiento del bebe al mundo de manera filosófica, dejando la psicología occidental atrás.

Wilhelm von Humboldt ha definido lo extraño como constitutivo de la experiencia humana: al “Yo” se le enfrenta todo el resto del mundo como extraño, como “no-yo” o “Él”. De este “Él” se forma un “Tú” gracias a la actuación común nace “el otro, la otra”. Queda por último el “Él”, que es simultáneamente no-Yo y no-Tú. Por lo tanto, mediante la interacción, el extraño “Él” se convierte en el “Tú” del otro. Este sencillo modelo relega lo extraño a un puesto fuera de la relación Yo-Tú.

No obstante, desde el punto de vista de los procesos de desarrollo psicoanalíticos, lo extraño se encuentra dentro de nosotros mismos - un pensamiento ampliamente discutido, sobre todo desde la aparición del libro de Kristeva: “Nosotros somos extraños para nosotros mismos”, lo cual es recogido de diversas maneras en todas las publicaciones basadas en la práctica sobre el tema de la “extrañeza”. La extrañeza es una palabra no muy común en el idioma castellano, pero desde mi punto de vista es la única que conozco con connotaciones holísticas, relacionada con el sentir, tocar, la emoción con la razón, el sujeto con el habitar. Así es como propuse usarlo con la inclusión de lo “extraño en nosotros mismos”, (Giebeler, 2003). Se deben diferenciar dos posibilidades de experiencia de la extrañeza:

- la experiencia con la extrañeza como vivencia importante para el desarrollo personal de cada ser humano en las relaciones cercanas y
- la experiencia con la extrañeza en el contacto con seres humanos, de sus mundos de vidas en relaciones ajenas, dando sus testimonios de sus vidas y tratar de manifestarlas como parte de conocimientos y saberes.

Una parte muy significativa de sentir la extrañeza es por el acercamiento horizontal: El miedo. El miedo a la extrañeza aparece tempranamente en la vida humana, en forma del llamado “extrañar”. Para el niño pequeño el extraño resulta por una parte interesante, atractivo y apetecible, pero por otra parte despierta temor y de esta manera forma una representación interior estructurada ambivalentemente. Lo nuevo y extraño, puede por una parte reforzar la sensación para lo familiar, por lo tanto, los lazos con las personas de referencia, si están marcados intensamente y la estabilidad ya existente de la integración interior. Si no es este el caso, se produce miedo. La representación interior del extraño se diferencia en el transcurso de la infancia y se integra de forma compleja en la personalidad.

b. Retomando el concepto del diálogo de Martin Buber

“No hay un yo en sí mismo, sino solo el Yo del yo-tú fundamental. El yo de la palabra fundamental yo-él. Cuando el humano hable yo, quiere decir uno de los dos”, (Buber, 2008:4). Con Buber, no hay nadie fuera del „Tú“. Cada yo no es más que un reflejo del encuentro con el tú, una visión que asume que puede haber diálogos reales entre las

personas, en última instancia, fuera de las normas sociales, las relaciones de poder, los intereses y conflictos implementados violentamente. Estas normas están representadas por fantasmas, introducidos por el “él” – del mundo.

- Primero está la relación yo – él, que se llama el principio de distanciamiento. Es la relación racional, representa la relación diaria y neutral con las personas y las cosas. El ser humano lo necesita para entender y clasificar el mundo. Esto se hace evaluando, midiendo, pensando, estructurando.
- Segundo la relación entre el yo – tú aparece como una relación de verdades/ *Wahrhaftigkeit*. Y hay una relación entre el yo y el tú que representa una relación especial por conexión. El yo experimenta su contraparte en una forma esencial y con toda su existencia. Las razones para una relación yo-tú son el amor, el afecto y el reconocimiento.

La relación yo-tú conectada se llama el principio de relación. Es el encuentro del diálogo, de tratar de entenderse, de buscar el tú como parte de este yo, retomando el yo por la conexión con el tú.

Repensando la ciencia occidental y la forma de acercarse al investigado seguramente es la relación distanciada, que produce primeramente los resultados de la ciencia. Las relaciones conectadas al revés pueden ser entendidas como base de nuevos encuentros horizontales dentro de un marco contra-hegemonial y decolonial. Repensando el concepto desde una perspectiva feminista y métodos contra patriarcales, lo retomo como lo básico de poder dialogar entre sujetos y grupos diferentes de géneros, clases, etnicidades y cuerpos como en el caso de la niñez migratoria, (Giebeler, et al. 2013).

c. Retomando el concepto de lo “extraño” del etnopsicoanálisis

Si no se logra la superación de las experiencias debidas al desarrollo, quedan limitadas las capacidades de vivencias. Lo perteneciente al “yo” se entenderá como bueno, todo lo demás se deberá entender como malo.

Si el ser humano ya no toma en cuenta el tú, por un lado, ya no se desarrolla más y queda con su vidas y experiencias limitadas. Por otro lado, es exactamente eso, la tranquilidad y seguridad de vivir en un ambiente conocido, de seguridad. Si lo conocido desaparece, el sujeto se siente expulsado se puede convertir en una amenaza para otros. Lo interior se descarga de los sentimientos que se producen en este proceso mediante su proyección, sobre lo extraño que se convierte de esta manera en lo otro, con todos los peligros que surgen de la otredad, la otredización.

En el posterior encuentro con los “otros” se actualizan y desplazan entonces sentimientos propios rechazados como codicia, envidia o celos. “Los propios afectos indeseados se pueden reconocer y combatir aparentemente en lo profano y extraño”, (Erdheim, 1988:129f). Una parte del etnopsicoanálisis intenta ahora utilizar como elementos metódicos los procesos psicodinámicos de individuos y colectivos en el contacto

intercultural. A través de los trabajos que se han producido en este contexto, se ha puesto de manifiesto cómo las circunstancias subjetivas del etnógrafo, marcadas por sus experiencias situadas, marcan también sus descripciones de los mundos de vidas. Resulta que sus manifestaciones frecuentemente permiten sacar más conclusiones sobre la cultura propia que sobre la de los investigados. Estos efectos subyacen a procesos cotidianos de comprensión, al menos si no están reflexionadas.

Para el debate de cómo descolonizar la metodología y los métodos me refiero no solo al acercamiento del uno al otro, sino del acercamiento de los yo a los tú, la base de un diálogo sincero entre gente marcadas social y culturalmente por una gran variedad de diferencias, por herencias culturales, géneros, edades, sexualidades, dinero o religión. Es una base para poder construir un diálogo, la confianza, encuentros también bajo condiciones de desigualdad, de explotación, de relaciones jerárquicas por ser parte y ser nombrados, por ejemplo, por universidades de perfil capitalista patriarcal.

4 I COMO LLEGAR DE LA EXPERIENCIA DE LA EXTRAÑEZA REFLEXIVA HACIA UNA METODOLOGÍA DECOLONIAL FEMINISTA

Ahora quiero mencionar unos ejes emblemáticos de esta metodología desde un punto de vista feminista.

La ética del dar y recibir

Como estoy retomando conceptos occidentales según Marcel Mauss el “dar” implica un “recibir”. Esta relación es – tratando de la división de trabajo por género – una relación injusta y explotada. Dar algo es la implícita esperanza de recibir algo, pero no implica el mismo “valor”. Dar algo – está muchas veces en la idea de la gente del Oeste – para “ayudar”. Esa fue la idea de la cristianización – dar la biblia para salvar a los “pobres indígenas” del infierno – y recibir su mano de obra, sus cuerpos, sus tierras. Los voluntarios de hoy, por ejemplo, muchas veces quieren “ayudar”, dar algo para la pobreza del mundo. ¿Pero qué es lo que dan? No quiero abordar este tema tan importante en esta contribución, pero la pregunta de cómo realizamos un intercambio es fundamental, y muchas veces termina cayendo en una reciprocidad desigual. Para poder realizar un diálogo recíproco bajo condiciones iguales sin explotación de sujetos como “informantes” y realizar rápidamente una investigación, el diálogo intenso y una reciprocidad de valores es un reto muy grande.

Las formas suelen ser diferentes. Pueden ser regalos – algo que no se encuentra fácilmente, por ejemplo: el aceite de oliva y los huevos en el caso de algunas tomas de tierra en Venezuela, fotos de las familias antes de la era digital y biografías, algunas cosas tenían un gran valor y en una casa todavía se encuentran las fotos de hace treinta años – ejemplos que no puedo ejemplificar en estas páginas.

La investigación situada

La investigación situada es una de las consecuencias del pensamiento feminista y de investigaciones en los nuevos contextos móviles. La auto-localización se convirtió en una fuente fructífera de producción de investigaciones. Es por lo que el/la investigador/a se convierte en un/una productor/a, ya no es recolector/a de datos. Para mí eso significa saber por qué buscar temas para investigar, en mi caso por ejemplo en 1995 empecé a trabajar con la niñez y el trabajo del cuidado (Care-Work) de madres e instituciones, porque a partir de mis experiencias personales tomé en cuenta que la organización de los jardines de niños menores de tres años era una debacle. Asumí la responsabilidad en la junta directiva del jardín infantil por un lado y empecé al mismo tiempo a solicitar proyectos investigativos en torno a este tema.

La horizontalidad

Dentro de mi investigación en Juchitán de Zaragoza, México trabajé con una colega zapoteca de la misma ciudad. Yo como investigadora alemana y ella como investigadora zapoteca. Teníamos muchas dudas entre nosotras en diversas cosas, pero al relacionarnos y tener interés en la otra, no hubo problema. Veinte años después trabajamos en conjunto un artículo sobre la inter- trans- e intraculturalidad dentro del trabajo conjunto – y encontramos diversas perspectivas que antes no reflexionamos. Era desde la horizontalidad entre desiguales que se podía dialogar, para definir el posicionamiento entre las investigadoras y que el trabajo no se inmiscuyera en la relación personal, (Meneses/Giebel, 2012).

La cooperación/colaboración

Con la fundación de la casa para mujeres golpeadas tuvimos la idea de que no deberíamos hacerlas objetos de los servicios sociales. El análisis era claro - golpear mujeres no es un destino individual, ni es por buscar al hombre equivocado, es una consecuencia del patriarcado que ha hecho posible que las mujeres se conviertan en objetos de los hombres y que las obliguen en pocos años a derechos mínimos. La violencia contra las mujeres es la norma en las sociedades patriarcales capitalistas, y no es que las mujeres sean solo víctimas de sus esposos, sino son también víctimas de un sistema racista-sexista que se reproduce en varios niveles: medial, político, institucional. Conjunto con el trabajo para abrir la casa, las experiencias de cooperación entre mujeres golpeadas, estudiantes, trabajadoras sociales y otros profesionales – todos trabajando voluntariamente – fue una fuente de reconocimientos, de juntar conocimientos, de desarrollar saberes, análisis y formar una práctica conjunta con una teoría de la práctica cooperativa: “El Palaver” como método dentro del colectivo de la sociedad civil fue trabajado desde el 1977 hasta 1993, y se rechazó toda ayuda que venía de afuera, (Giebel 2008).

5 I PARA TERMINAR: AUTOREFLEXIÓN DE LA BLANCURA MUNDIAL

Las ideas y propuestas de cómo realizar investigaciones en conjunto desde una perspectiva feminista, las retomo desde los aportes críticos de pensadoras y pensadores del sistema universitario, termino con la propuesta de la “blancura crítica”. Es una posibilidad para reflejar la jerarquía colonial de los llamados “blancos” en los dos lados del Atlántico, reconociendo que la “blancura” o “negritud”, lo “indígena” y el “género” son ideologías que ayudan a reconstruir los pensamientos racistas-sexistas y a trabajar en reflexiones personales de ser marcada como “blanca” o “negra”, como mujer o hombre, indígena o mestizo.

Al contrario de esos enfoques, que conciernen directamente a las prácticas coloniales, el desarrollo de un método de “Experiencia extraña de reflexión”, (Giebeler, 2003) en las áreas interculturales intenta hacer que todas, todes y todos, incluidas las personas colonizadas reflejen su posición en el mundo racista, sexista, adulto/cuerpo y jerarquía de clases mediante la práctica reflexiva y proyectos de investigación en áreas heterogéneas “interculturales” para poder concentrar sus luchas

El objetivo es utilizar el material de trabajo de campo para el trabajo de auto-reflejo y del auto-posicionamiento como género, etnicidad y pertenencia a ricos “occidentales” y “colonizados”, grupos dependientes, entornos, géneros, cuerpos, clases o etnias y descubrir los enredos en el medio. En los entornos de enseñanza de la comunicación inter- y transcultural y las dinámicas de grupo, reflejamos la diferenciación personal, económica y social que existen en el grupo. Esto se hace al tratar de trabajar en una configuración no dolorosa con un cierto proceso de retroalimentación, para averiguar la posición dentro del grupo. Reflexionar sobre la dinámica de grupo, las imágenes de los demás y hablar sobre estereotipos y límites es parte del trabajo crítico de auto-reflexión dentro de la reconstrucción de saberes. A esto lo llamo “Práctica de la experiencia de extrañeza”: descubrir y reflejar experiencias de extrañeza dentro de una misma, así como en la interacción en entornos de investigación frente a frente/ vis-a-vis e incorporando la sociedad capitalista patriarcal como influyente a la subjetivización a partir de los procesos Inter-, Trans- e Intraculturales, (Giebeler, 2010).

Sin embargo, las instituciones científicas no dejan entrar cualquier idea y cualquier producción de saberes – por lo menos este, porque reconocer saberes es una construcción “anticientífica”. Por eso es importante tener una visión estratégica de sobrevivencia: construirse un “nido de resistencia” y transformar la vida social global en este sentido.

REFERENCIAS

BOVENSCHEN, S. **Die aktuelle Hexe, die historische Hexe und der Hexenmythos.** In: Opitz, Claudia (Hg.): *Der Hexenstreit. Frauen in der frühneuzeitlichen Hexenverfolgung.* Freiburg i. Br.: Herder, 36–98, 1995.

BUBER, M. **Ich und Du**. Stuttgart Reclam, 2008.

CARDOSO, F. E. **Abhängigkeit und Entwicklung in Lateinamerika**. In: Senghaas, Dieter, (HG.) *Peripherer Kapitalismus. Analysen über Abhängigkeit und Unterentwicklung*. Frankfurt a.M. Suhrkamp, 1974.

CORNEJO, I. & GIEBELER, C. **Misivas prácticas de investigación como proemio a la metodología horizontal**. En: Cornejo, Inés y Giebeler, Cornelia (Coord.) *Prójimos. Prácticas de investigación desde la horizontalidad*. Ciudad de México: UAM, Unidad Cuajimalpa, División de Ciencias de la Comunicación y Diseño: FH Bielefeld, University of Applied Sciences, pp. 216. ISBN: 978-607-28-1640-4, 2019.

DE SOUSA SANTOS, B. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Uruguay: Trilce Editorial, 2010.

ERDHEIM, M. **Die gesellschaftliche Produktion von Unbewusstheit**. Frankfurt a. M., Suhrkamp, 1984.

FEDERICI, S. **Caliban and the Witch: Women, The Body, and Primitive Accumulation**. Brooklyn, NY: Autonomedia, 2004.

FURTADO, C. **Unterentwicklung und Abhängigkeit. Eine globale Hypothese**. In: Senghaas, Dieter, (HG.) *Peripherer Kapitalismus. Analysen über Abhängigkeit und Unterentwicklung*. Frankfurt a.M. Suhrkamp, 1974.

GIEBELER, C. **Construções sobre a infância em processos migratórios transnacionais: Gêneros e espaços para políticas de identidade?**. En: Revista Teias Capa v. 14, n. 31, Rio de Janeiro, Brazil (20 páginas). Recuperado en: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24339>, 2013.

GIEBELER, C. & MENESES, M. **Dar y Recibir en la Investigación. Reflexiones por espacios Trans-, Inter e Intraculturales en la investigación 'Juchitán, la ciudad de las mujeres: De la vida en el matricado' Una retrospectiva 20 años después**. En: Pérez-Daniel. R. y Sartorello, S. (Coords.): *Horizontalidad, diálogo y reciprocidad en los métodos de investigación social y cultural*. Centro de Estudios Sociales y Jurídicos Mispat - Universidad Autónoma de Chiapas - Universidad Autónoma de San Luis Potosí - Consejo de Ciencia y Tecnología del Estado de Chiapas - Educación para las Ciencias en Chiapas, Aguascalientes - San Cristóbal de Las Casas - San Luis Potosí. México, 2012.

GIEBELER, C. **Conceptos de Inter-, Trans y Intraculturalidad en la Educación**. En: Gregor-Ströbele, Juliana/Kaltmeier,Olaf/Giebeler,Cornelia/ (Coord.): *Construyendo Interculturalidad: Pueblos Indígenas, Educación y Políticas de Identidad en América Latina*. GTZ Bonn Alemania 2010.

GIEBELER, C. **El Palaver**. En: *Gobernanza ética. Encuentro de la Asamblea Ciudadanos Conosur sobre la Gobernanza ética*. Iquique, Chile. Disponible en: http://www.dailymotion.com/video/x8zl4q_definir-limites-webcam (Giebeler) y http://www.dailymotion.com/video/x8zl4q_definir-los-limites-de-la-gobernanz-news 2008.

GIEBELER, C. **El extrañamiento del otro: Las dificultades del diálogo intercultural**. En Chacón, Gerardo/ Neuser, Heinz (ed.) *Pedagogía Social en Latinoamérica. Estrategias en educación popular, desarrollo e Interculturalidad*. DAAD, Quito/Bonn, 2003.

HALL, S. **The West and the rest. Discourse and power.** In: Hall, Stuart/Giebene, Bram (Ed) Formations of modernity, Understanding modern societies, an introduction. Polity Press in association with the Open University Cambridge, England, p. 275-331, 1992.

HARAWAY, D. **Simians, Cyborgs, and Women. The Reinvention of Nature.** Routledge, New York, 1995.

HOOKS, B. **Feminism is for everybody: passionate politics, South.** End Press, Cambridge, published in Canada, 2007.

KUHN, T. **Die Struktur wissenschaftlicher Revolutionen.** Frankfurt a. M. Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft, 1976.

KUMMELS, I. **Von Zuania bis Abya Yala: Indigene Amerika-Bilder und Projekte.** In: Lehmkuhl, Ursula/Rinke, Stefan (Ed.): Amerika? Amerikas! Zur Geschichte eines Namens und eines Konzepts. Stuttgart: Akademischer Verlag Hans-Dieter Heinz, S. 227-248, 2008.

LORDE, A. **The Master's Tools Will Never Dismantle the Master's House.** In: Sister Outsider: Essays and Speeches. Ed. Berkeley, CA: Crossing Press. 110-114. 2007. Print, 1984.

MOHANTY, CH. T. **Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses.** Boundary 2, Vol. 12, No. 3, On Humanism and the University I: The Discourse of Humanism, pp. 333-358, Duke University, 1984.

QUIJANO, A. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder.** Anibal Quijano; selección a cargo de Danilo Assis Clímaco; con prólogo de Danilo Assis Clímaco. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2014. pp.860, 2010.

QUIJANO, A. **Marginaler Pol der Wirtschaft und marginalisierte Arbeitskraft.** In: Senghaas, Dieter, (HG.) Peripherer Kapitalismus. Analysen über Abhängigkeit und Unterentwicklung. Frankfurt a. M., Suhrkamp, 1974.

SMITH, L.T. **A descolonizar las metodologías. Investigación y pueblos indígenas.** LOM ediciones, Santiago de Chile 1 a edición en castellano, 2016 (1999 London).

SPIVAK, G. **Can the Subaltern Speak?** In: Cary Nelson & Lawrence Grossberg (Hg.): Marxism and the Interpretation of Culture, University of Illinois Press, Chicago, 1988.

WALLERSTEIN, I. **The Rise and future Demise of the World Capitalist System: Concepts for Comparative Analysis**, *Comparative Studies in Society and History*. Vol. 16, No.4, 387-415, 1974.

WERLHOF VON, C. **The Failure of the “Modern World System” and the new paradigm of the “Critical Theory of Patriarchy” - The “civilization of alchemists” as a “system of war.** In: Salvatore J. Babones and Christopher Chase-Dunn (Eds.): Routledge Handbook of World-Systems Analysis, Routledge, New York, pp.172-180, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aldeia Tuxa 51

Amazônia 13, 17, 43, 44, 45, 75, 76, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 105, 130, 160, 175, 218, 250, 252, 259, 269

Ancestralidade 89, 90, 92, 97, 98, 100, 101, 104, 113, 151, 152, 156, 157, 158

Audiovisual 99, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 116

C

Comunidades Nativas 160, 162, 165, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184

Construção de Currículo 13

Criança Guarani 1

Curtas Metragens 107, 109

D

Descolonização 89

Disputa 229, 235, 243, 249, 274

E

Educação Escolar 1, 2, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 21, 22, 27, 30, 35, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 65, 66, 67, 70, 75, 76, 121, 202, 203, 206, 207, 208, 210, 216, 224

Educação Intercultural 8, 14, 22, 24, 35, 63

Escolas Indígenas 7, 8, 11, 13, 14, 15, 17, 18, 20, 22, 23, 24, 26, 29, 32, 34, 53, 55, 56, 58, 59, 60, 61, 67, 68, 74, 76, 92, 202

Escravidão Indígena 248

Espiritualidade 94, 141, 146, 148, 156, 158

I

Indígenas Karipuna 258

L

Léxico Indígena 77, 80, 81, 83, 85

Língua Ameaçada 12, 202

M

Memórias 10, 65, 66, 88, 89, 91, 92, 95, 102, 110, 116, 119, 132, 135, 144

O

Oralidades 119

P

Políticas 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 34, 48, 54, 64, 65, 67, 68, 75, 89, 111, 123, 127, 129, 136, 145, 149, 163, 178, 191, 200, 202, 203, 204, 205, 208, 214, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 244, 249, 251, 253, 270, 277

Políticas de Fortalecimento 202

Práticas Inclusivas 23, 24, 29, 31, 33, 34

R

Resistências 90, 132, 144, 271



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020



Culturas e História dos Povos Indígenas

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 



Atena
Editora

Ano 2020